Homília XXXII Domingo T. Comum (Ano A)

8/11/2026, Sé de Beja

Neste primeiro dia da semana reunimo-nos em assembleia, como irmãos, para celebrar e professar a nossa fé: a fé da Igreja. O domingo é sempre para nós um dia especial, um dia de alegria, um dia em que a ressurreição de Jesus se torna particularmente presente na nossa mente e no nosso coração e também no nosso agir. É por isso que viemos à igreja: para celebrar este dia que é, de certo modo, a nossa Páscoa semanal. Reunimo-nos para bendizer o Senhor, para O louvar, para ouvir a Sua Palavra e para nos alimentarmos do Seu Corpo e do Seu Sangue.

Hoje, nesta celebração rezamos, no 30º dia da sua partida, pelo nosso Bispo Emérito, D. António Vitalino. Fazemo-lo neste primeiro dia da semana, neste dia em que Jesus, Nosso Senhor, ressuscitou dos mortos, como nos lembra S. Paulo, na carta aos cristãos de Tessalónica, que ouvimos como II Leitura: **"Se acreditamos que Jesus morreu e ressuscitou, do mesmo modo, Deus levará com Jesus os que em Jesus tiverem morrido."**

Assim, a ressurreição de Jesus abre-nos um horizonte de esperança que nos permite olhar a realidade da morte, pela qual todos iremos passar, de uma forma serena e confiante, porque:

I) acreditamos no poder do Senhor para também a nós nos ressuscitar dos mortos

II) e porque, sendo nós pecadores nos confiamos à Sua Misericórdia.

Gostaria de partilhar convosco uma reflexão acerca do desejo de Deus, que trazemos em nós, a partir do salmo responsorial que rezámos, que

cantámos – **“A minha tem sede de Vós, meu Deus”.** Aqui a sede, como bem sabemos, expressa e quer significar o desejo que temos de Deus.

O Ser humano é um ser de desejo, ou seja, o desejo faz parte do que somos – o homem não se compreende sem esta dimensão que é constitutiva do seu ser e do seu viver. E sendo uma dimensão tão determinante da experiência humana, está necessariamente presente na forma como nos relacionamos com Deus.

O filósofo personalista francês, Jean Lacroix, afirma que **«O homem é um ser de desejo que a realidade dececiona.»** fazendo, por assim dizer o diagnóstico da condição humana, a partir desta dimensão do desejo. Assim, temos no nosso coração um desejo que as realidades finitas deste mundo que passa, não conseguem satisfazer plenamente. Sobre este tema do desejo, o Papa Bento XVI, em Maio de 2011, numa das suas audiências gerais, disse com grande eloquência e profundidade: **“O homem tem em si uma sede de infinito, uma saudade de eternidade, uma busca de beleza, um desejo de amor, uma necessidade de luz e de verdade, que o impelem rumo ao Absoluto; o homem tem em si o desejo de Deus.”**

E S. Agostinho, nas Confissões diz esta frase que muitos sabemos de cor: **“Fizeste-nos para Ti Senhor e o nosso coração está inquieto, enquanto não repousar em Ti”.** Esta inquietude de que nos fala S. Agostinho e esta insatisfação de que nos fala Jean Lacroix são expressões do desejo, da sede de que nos fala o salmo 62 e que Bento XVI, nas suas sábias palavras que atrás referi, tão bem explicita: **a sede de infinito, a saudade de eternidade, a busca de beleza, o desejo de amor, a necessidade de luz e de verdade.**

Em 2018, o então Pe Tolentino Mendonça, no retiro que pregou à Cúria Romana, lançou esta pergunta, que também a nós nos há-de interpelar: **“Será que fazemos da nossa sede uma escola de verdadeiro conhecimento, nosso e de Deus? Ou, pelo contrário, aceitamos viver à míngua de água, procurando mascarar uma sede que não escutamos?”**

É bom que vivamos de tal modo que, este desejo, esta sede, não seja desvalorizada, silenciada, mascarada, abafada – porque precisamos, muito mais do que muitos pensarão, de dar de beber a esta sede.

E esta sede de Deus que está no nosso coração, este desejo, impele-nos à oração, que em si mesma é sinal, expressão deste desejo, como nos diz S. Tomás de Aquino, ao definir a oração como sendo a **«expressão do desejo que o homem tem de Deus».**

E o tomarmos a sério esta sede de Deus que trazemos no nosso coração, levar-nos-á à sábia atitude de vigilância a que o Evangelho, que escutámos, nos convida, através da parábola das virgens prudentes e insensatas. O Evangelho, como é habitual na Liturgia da Palavra da Missa dominical, é preparado pela I Leitura. Assim, esta sábia atitude de vigilância é explicitada no texto que escutámos, do Livro da Sabedoria **"A Sabedoria [...] deixa-se ver facilmente àqueles que a amam e faz-se encontrar aos que a procuram. Antecipa-se e dá-se a conhecer aos que a desejam."** E voltamos ao tema do desejo – a Sabedoria dá-se a conhecer aos que a desejam, faz-se encontrar aos que a procuram. Deixa-se ver facilmente aos que a amam. É um convite à atitude de vigilância de que nos fala o Evangelho — é o azeite das lamparinas. E esta vigilância é um ato profundamente pessoal: a atenção, o espaço e o amor que entregamos a Deus não podem ser delegados.

Por isso, viver rodeado de pessoas que têm as lamparinas cheias de azeite e, por isso, acesas, é certamente uma ajuda valiosa. Contudo, por muito que o queiram, essas pessoas não nos podem substituir na nossa relação pessoal com Deus, esta relação de coração a coração. A vida de oração, o serviço, a caridade e a união com Jesus no quotidiano dos que vivem ao nosso lado, estimulam-nos pelo exemplo e pelo incentivo, mas nunca ocupam o lugar da nossa própria comunhão com Ele. É por isso que o azeite não pôde — nem pode — ser transferido das lamparinas das prudentes para as das insensatas.

Que esta sabedoria, de que nos fala a Sagrada Escritura, nos torne prudentes, aplicando o nosso tempo e a nossa energia ao serviço, à prática das obras de misericórdia e à espera vigilante do Senhor.

Já a terminar, queria mais uma vez fazer referência àquele por quem hoje rezamos nesta celebração, dando graças a Deus por todo o bem feito por D. António Vitalino, de um modo especial na nossa Diocese de Beja e pedindo pelos bons frutos do seu trabalho apostólico - que o muito que semeou dê fruto e fruto abundante! A sua morte não é um ponto final: é passagem, é encontro com a plenitude, é entrega nas mãos do Pai que o chamou a dedicar-lhe inteiramente a sua vida. Pedimos que o Senhor o acolha no Seu amor misericordioso e derrame sobre nós, de uma forma especial sobre a sua família, a Sua consolação e a Sua esperança.

Que a Virgem Maria, Sede de Sabedoria e S. José nosso padroeiro, intercedam por D. António Vitalino e a nós nos ajudem, a viver de acordo com a sede de Deus que trazemos no nosso coração e a estar vigilantes no caminho que fazemos como discípulos de Cristo.

† Fernando Paiva, Bispo de Beja